

psicopatologia, na II Reunião Anual da Sociedade de Neurologistas e Psiquiatras alemães em Francfort, em Agosto de 1936».

Foi êle que nos inspirou as páginas precedentes e a ideia de apresentarmos também a nova carta das localizações cerebrais sem contudo entrarmos em minúcias descritivas ou interpretativas, o que de nenhuma utilidade seria para um leigo.

Vejam, no entanto, alguns comentários.

O que na obra de Kleist ressalta e mais nos fere é a «minúcia exaustiva da análise localizadora do autor e a amplitude que tendem a tomar as sutilezas psicopatológicas da sintomatologia focal, a ponto de pretender abranger o conjunto da neuropatologia e psicopatologia».

A minúcia incide sobretudo nas localizações das funções do eu. O autor, «no ponto de vista *psico-biológico* distingue vários «territórios ou níveis» funcionais; primeiro, os fundamentos basilares do indivíduo, o *Eu-afectivo*, compreendendo as qualidades afectivas (o temperamento), a seguir o *Eu-corporal*, que sintetiza as sensações internas cenestésicas, e por último, os aspectos mais elevados que dizem respeito à própria *Pessoa* (*Selbst-Ich*), aos sentimentos éticos, em que assenta a vida humana na colectividade — o *Eu-colectivo* (*Gemeinschafts-Ich*) e a sua integração no Mundo (*Welt-Ich*) e na ordem das crenças religiosas — o *Eu-religioso*».

«No ponto de vista *prático*, para a localização, pelos sintomas das afecções cerebrais circunscritas (amolecimentos, feridas, tumores, etc.) teremos sempre de recorrer à *experiência empírica*, que nos dá uma relação de probabilidade (maior ou menor conforme a natureza da lesão) entre determinados sintomas e a topografia das lesões que os provocam. As localizações extraordinariamente precisas de tumores, feitas muitas vezes por Kleist e confirmadas pelo neuro-cirurgião Tönnies, sôbre a base dos novos dados descritos pelo primeiro, e ainda pouco conhecidos na literatura (comparar a sintomatologia apontada por Dandy para os tumores dos núcleos centrais e os achados de Kleist, por exemplo) mostram o real *valor clínico* do seu esforço de análise sintomatológica e localizadora».

Para o levantamento das suas cartas, «Kleist e os seus predecessores partem

quási sempre sempre da *concepção clássica do arco reflexo*, fazendo depender tôda a actividade nervosa e até a mental, das relações entre os receptores e os effectores, a ponto de repartir, como vimos, tôda a actividade do sistema nervoso em sistemas extero, próprio e enteroceptivos, incluindo, por exemplo, nesta última as funções elementares do Eu, em relação com sensações cenestésicas viscerais.

Os seus contraditores, ao invés, concebem a actividade nervosa de um modo muito diferente, no *mero ponto de vista dinâmico e independentemente de tôda a consideração anatómica*; negam até o papel do neurónio (célula nervosa e os seus prolongamentos) como unidade funcional do sistema nervoso (!), tomando erradamente como demonstrada a concepção da rêde contínua e ininterrupta de ligações fibrilares entre os elementos celulares. Procuram assim libertar-se da anatomia, e estudar a actividade nervosa «em si», nas suas reacções multiformes, continuamente variáveis e adaptadas à situação de momento».

\*

Lamentamos não nos ser possível ir mais longe. O Dr. Barahona Fernandes opõe a Kleist, à sua concepção *quási* associacionista das funções cerebrais, algumas dúvidas bem fundadas e judiciosas observações, que seria interessante transcrever e termina:

«Tôdas estas dúvidas sôbre o «conhecimento» teórico dos *factos* clínicos e anatómicos, rigorosamente observados, não lhes podem no entanto roubar o seu valor, pois só da *descoberta de novos factos e do estabelecimento das suas relações* é que podem advir progressos para a ciência que cultivamos. As teorias não têm outro sentido que o de adaptar aos factos o nosso pensar, e com êle o nosso agir — como muito justamente diz E. Mach.

«Tôda a teoria é obscura, caro amigo — e verdejante a árvore doirada da vida» — tal o dizer de Goethe, com que Kleist fechou a discussão sôbre a sua já célebre carta cerebral, acrescentando ainda: «a nossa tarefa é, pois, apenas a de continuar a cultivar e a cuidar dos frutos que ela nos vai dando».

R. F.